

O Jubileu da Misericórdia

O Sínodo da Família

Propostas para a Revisão de Vida



Caderno do Militante

Acção Católica Rural - 2015



Índice

Introdução.....	3
O Jubileu da Misericórdia	4
Proposta de esquema do Encontro Introdutório do Jubileu da Misericórdia	4
Esquema geral do tema de cada encontro	5
Tema 1 «ADERIR» ao Jubileu da Misericórdia	6
Tema 2 «ACOLHER» A Misericórdia	11
Tema 3 «CELEBRAR» A Misericórdia.....	15
Tema 4 «PRATICAR» A Misericórdia	21
A Família	26
1º Subtema – A Família, a Sociedade e a Igreja	27
2º Subtema – A Família à luz dos dados bíblicos	29
3º Subtema – O que se aprende na família.....	31
4º Subtema – A capacidade de unir gerações.....	33
5º Subtema – Papel dos pais, primeiros educadores na Fé, na Oração e na Sagrada Escritura.....	35
6º Subtema – Desenvolvimento integral na família	37
7º Subtema – Colaboração entre as famílias e a paróquia	39
8º Subtema – Festas litúrgicas	41
9º Subtema – Situações de irregularidade canónica (divorciados recasados).....	43
10º Subtema – A família de Nazaré.....	45
Oração do Jubileu da Misericórdia	48

Introdução

Um militante da Acção Católica Rural vive, aqui e agora, transformando o seu meio concreto de acordo com os desafios do Evangelho, os ensinamentos da Igreja e com as necessidades próprias da sua realidade. Podemos dizer que somos gente que arregança mangas e põe as mãos na massa!

Assim não nos basta acompanhar e aprofundar os nossos conhecimentos com a oração e a leitura formativa dos documentos que a Igreja nos oferece, mas devemos procurar vivê-los em nós mesmos, nos nossos grupos e nas nossas comunidades.

Este caderno do militante que agora se apresenta é um modesto contributo para se fazer este caminho. Partindo da Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia – *Misericordiae Vultus* – oferecem-se quatro propostas de reunião em revisão de vida para analisarmos a nossa realidade, a confrontarmos com os ensinamentos do Santo Padre Francisco e nos comprometermos à ação na nossa comunidade. Este trabalho foi preparado pelos militantes da Equipa Diocesana do Porto, a quem agradecemos a partilha generosa. Propõe-se também um caminho semelhante para acompanharmos a Assembleia Sinodal dedicada à Família percorrendo um itinerário de conversão pessoal e de grupo em Revisão de Vida. Estes últimos temas foram preparados pelo militantes da Diocese do Funchal a quem também agradecemos.

Um bom ano de trabalho a todos!

O Jubileu da Misericórdia

Proposta de esquema do Encontro Introdutório do Jubileu da Misericórdia

I - Reflectir sobre o logótipo do Jubileu (cuja imagem está na capa deste manual):

- a) o que admiramos
- b) o que nos interpela o seu texto.

II - «Saborear» a oração do Jubileu (na contracapa do manual):

- a) uma pessoa deve ler, pausadamente, o texto;
- b) de seguida cada pessoa partilha o que descobriu de «belo» na sua mensagem e a interpelação que sentiu para a sua acção pessoal e de equipa;
- c) por fim a equipa reza, em conjunto, a oração do Jubileu.

III – Conhecer a programação do Jubileu na nossa diocese

IV – Calendarizar as datas dos encontros de reflexão da A.C.R.

Esquema geral do tema de cada encontro

I – Oração inicial

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do amor.

Enviai Senhor o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Ó Deus que instruístes os corações fiéis com as luzes do Espírito Santo fazei que no mesmo Espírito apreciemos tudo o que recto e gozemos sempre da Sua consolação. Por Cristo Nosso Senhor. Amem.

II – Seguir o ver, julgar e agir de cada tema

III – Oração final:

Espontânea, onde cada um dá graças pelo que recebeu no encontro e faz o pedido de graças para levar à prática os apelos de Deus que sentiu neste encontro.

Oração do Jubileu

Tema 1 «ADERIR» ao Jubileu da Misericórdia

O Papa Francisco convocou a Igreja para celebrar o Jubileu Extraordinário da Misericórdia que decorrerá entre 8 de Dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição e 20 de Novembro de 2016, solenidade litúrgica de Jesus Cristo, Rei do Universo,

E, no dia 11 de Abril de 2015, publicou a Bula de proclamação deste jubileu e que tem o título «*Misericordiae vultus*» (*O rosto da misericórdia*).

Este documento está publicado em português e disponível nas livrarias católicas.

VER

A Bula do Papa Francisco, o *Rosto da Misericórdia*, é conhecida na minha família, nos meus vizinhos e nos meus colegas de trabalho?

Já foi divulgada na nossa paróquia?

O que pretende o Papa Francisco com este Jubileu da Misericórdia?

A que conclusões chegamos neste ver?

Causas e consequência das conclusões a que chegamos no ver?

JULGAR

Da Bula do Papa Francisco *O Rosto da Misericórdia*:

Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade.

Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado. (nº 2)

Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes. (nº3)

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua acção pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo. A Igreja «vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia».[8] Talvez, demasiado tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa de ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa. Por outro lado, é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer. Todavia, sem o testemunho do perdão, resta apenas uma vida infecunda e estéril, como se se vivesse num deserto desolador. Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que

ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança. (n° 10)

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma acção pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia. (n° 12)

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia. (n° 12)

Do Evangelho

Jesus em Nazaré

Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para ler. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

«O Espírito do Senhor está sobre mim,

porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres;
enviou-me a proclamar a libertação aos cativos
e, aos cegos, a recuperação da vista;
a mandar em liberdade os oprimidos,
a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»

Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se.
Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele.

Começou, então, a dizer-lhes: «Cumriu-se hoje esta passagem da
Escritura, que acabais de ouvir.» (Lc 4-16-21)

Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. (Mt 5,7)

AGIR

A nível individual qual vai ser o meu compromisso:

- comigo mesmo,
- na e com a minha família,
- junto e com os meus vizinhos
- e junto e com os meus colegas de trabalho?

no sentido de aderir ao que o Papa Francisco pretende com a
celebração deste jubileu sobre a Misericórdia?

Que ações a nossa equipa deve promover no sentido de divulgar,
estudar e reflectir a Bula do Papa sobre o Jubileu (não esquecendo os
que não sabem ler ou que têm dificuldade de ler)?

Quem estará apto e disposto a assumir a tarefa de consultar o site da diocese e do vaticano (<http://www.news.va/pt/>) a fim de prestar à equipa informação actualizada sobre o que se vai dizendo sobre o Jubileu da Misericórdia?

Tema 2 «ACOLHER» A Misericórdia

«Deus não se cansa de estender a mão» (RM, nº 19)

«Misericordiosos como o Pai» (RM, nº 14) Lema do Jubileu da Misericórdia

VER

- Estou «aberto» e deixo-me acolher pela misericórdia de Deus, isto é: acredito que Ele não se cansa de me «estender» a mão, sobretudo no sacramento da penitência e reconciliação (confissão) ou fico “fechado”, “empedernido”, “indiferente”, “insensível”?
- Na nossa comunidade quais são as periferias que o Papa Francisco tanto fala e que, por isso, a nossa equipa e a nossa comunidade cristã deve estar particularmente atenta em comunicar o evangelho da Misericórdia de Deus?
- Conheço pessoas “zangadas” e “revoltadas” com Deus e com a Igreja?

JULGAR

Da Bula do Papa Francisco O Rosto da Misericórdia

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua

natureza divina. Na «plenitude do tempo» (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, [1] Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus. (nº 1)

«É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onipotência». [5] Estas palavras de São Tomás de Aquino mostram como a misericórdia divina não seja, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onipotência de Deus. É por isso que a liturgia, numa das suas colectas mais antigas, convida a rezar assim: «Senhor, que dais a maior prova do vosso poder quando perdoais e Vos compadeceis...» [6] Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que está presente, Aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso. (nº 6)

Queremos viver este Ano Jubilar à luz desta palavra do Senhor: Misericordiosos como o Pai. O evangelista refere o ensinamento de Jesus, que diz: «Sede misericordiosa, como o vosso Pai é misericordiosa» (Lc 6, 36). É um programa de vida tão empenhativo como rico de alegria e paz. O imperativo de Jesus é dirigido a quantos ouvem a sua voz (cf. Lc 6, 27). Portanto, para ser capazes de misericórdia, devemos primeiro pôr-nos à escuta da Palavra de Deus. Isso significa recuperar o valor do silêncio, para meditar a Palavra que nos é dirigida. Deste modo, é possível contemplar a misericórdia de Deus e assumi-la como próprio estilo de vida. (nº 13)

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo crimes graves, é o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afectos, da própria vida.

Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. Está sempre disposto a ouvir, e eu também estou, tal como os meus irmãos bispos e sacerdotes. Basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça, enquanto a Igreja oferece a misericórdia. (nº 19)

O Jubileu inclui também o referimento à *indulgência*. Esta, no Ano Santo da Misericórdia, adquire uma relevância particular. O perdão de Deus para os nossos pecados não conhece limites. Na morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus torna evidente este seu amor que chega ao ponto de destruir o pecado dos homens. É possível deixar-se reconciliar com Deus através do mistério pascal e da mediação da Igreja. Por isso, Deus está sempre disponível para o perdão, não Se cansando de o oferecer de maneira sempre nova e inesperada. No entanto todos nós fazemos experiência do pecado. Sabemos que somos chamados à perfeição (cf. *Mt* 5, 48), mas sentimos fortemente o peso do pecado. Ao mesmo tempo que notamos o poder da graça que nos transforma, experimentamos também a força do pecado que nos condiciona. Apesar do perdão, carregamos na nossa vida as contradições que são consequência dos nossos pecados. No sacramento da Reconciliação, Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso. Ela torna-se *indulgência* do Pai que, através da Esposa de Cristo, alcança o pecador perdoado e liberta-o de qualquer resíduo das consequências do pecado, habilitando-o a agir com caridade, a crescer no amor em vez de recair no pecado. (nº22)

Do Evangelho

Parábola do filho pródigo

Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos.

O filho disse-lhe: ‘Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho.

Mas o pai disse aos seus servos: ‘Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés.

Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado.’ E a festa principiou. (Lc, 15,20-23)

AGIR

- Que compromisso individual vou tomar no sentido de acolher com mais intensidade a misericórdia de Deus e dela dar testemunho na minha família e pessoas que mais convivo no meu dia-a-dia?
- E em equipa o que fazer com e para as pessoas que vivem vidas difíceis e complicadas (matrimónios falhados, desempregados, pais com filhos drogados, pais que não sabem dos filhos, filhos que abandonaram os pais, etc) e por estas e outras razões estão “zangadas” com Deus e abandonaram a Igreja?
- Como passar esta nossa reflexão e projectos de acção para a paróquia?

Tema 3 «CELEBRAR» A Misericórdia

A peregrinação é um sinal peculiar no Ano Santo, enquanto ícone do caminho que cada pessoa realiza na sua existência. A vida é uma peregrinação e o ser humano é um peregrino que percorre uma estrada até à meta. Também para chegar à Porta Santa, tanto em Roma como em cada um dos outros lugares, cada pessoa deverá fazer, segundo as próprias forças, uma peregrinação. Esta será sinal de que a própria misericórdia é uma meta a alcançar que exige empenho e sacrifício. Por isso, a peregrinação há-de servir de estímulo à conversão: ao atravessar a Porta Santa, deixar-nos-emos abraçar pela misericórdia de Deus e comprometer-nos-emos a ser misericordiosos com os outros como o Pai o é connosco. (nº 14 da RM)

VER

- Temos conhecimento da programação do Jubileu da Misericórdia na nossa diocese?
- Sabemos as condições para lucrar a indulgência deste Jubileu?
- Sabemos o que a Igreja ensina sobre as indulgências ou até achamos que é uma coisa que caiu em desuso, e por isso está fora da nossa linguagem e prática eclesial?
- Que concluimos neste ver?

JULGAR

Da Bula do Papa Francisco O Rosto da Misericórdia

O Ano Santo abrir-se-á no dia 8 de Dezembro de 2015, solenidade da Imaculada Conceição. Esta festa litúrgica indica o modo de agir de Deus desde os primórdios da nossa história. Depois do pecado de Adão e Eva, Deus não quis deixar a humanidade sozinha e à mercê do mal. Por isso, pensou e quis Maria santa e imaculada no amor (cf. Ef 1, 4), para que Se tornasse a Mãe do Redentor do homem. Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus que perdoa. Na festa da Imaculada Conceição, terei a alegria de abrir a Porta Santa. Será então uma Porta da Misericórdia, onde qualquer pessoa que entre poderá experimentar o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança. (nº 3)

No domingo seguinte, o Terceiro Domingo de Advento, abrir-se-á a Porta Santa na Catedral de Roma, a Basílica de São João de Latrão. E em seguida será aberta a Porta Santa nas outras Basílicas Papais. Estabeleço que no mesmo domingo, em cada Igreja particular – na Catedral, que é a Igreja-Mãe para todos os fiéis, ou na Concatedral ou então numa Igreja de significado especial – se abra igualmente, durante todo o Ano Santo, uma Porta da Misericórdia. Por opção do Ordinário, a mesma poderá ser aberta também nos Santuários, meta de muitos peregrinos que frequentemente, nestes lugares sagrados, se sentem tocados no coração pela graça e encontram o caminho da conversão. Assim, cada Igreja particular estará directamente envolvida na vivência deste Ano Santo como um momento extraordinário de graça e renovação espiritual. Portanto o Jubileu será celebrado, quer

em Roma quer nas Igrejas particulares, como sinal visível da comunhão da Igreja inteira. (nº 3)

Escolhi a data de 8 de Dezembro, porque é cheia de significado na história recente da Igreja. Com efeito, abrirei a Porta Santa no cinquentenário da conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II. A Igreja sente a necessidade de manter vivo aquele acontecimento. Começava então, para ela, um percurso novo da sua história. Os Padres, reunidos no Concílio, tinham sentido forte, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo de modo mais compreensível. Derrubadas as muralhas que, por demasiado tempo, tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova. Uma nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos de testemunharem, com mais entusiasmo e convicção, a sua fé. A Igreja sentia a responsabilidade de ser, no mundo, o sinal vivo do amor do Pai. (nº 4)

O Ano Jubilar terminará na solenidade litúrgica de Jesus Cristo, Rei do Universo, 20 de Novembro de 2016. Naquele dia, ao fechar a Porta Santa, animar-nos-ão, antes de tudo, sentimentos de gratidão e agradecimento à Santíssima Trindade por nos ter concedido este tempo extraordinário de graça. Confiaremos a vida da Igreja, a humanidade inteira e o universo imenso à Realeza de Cristo, para que derrame a sua misericórdia, como o orvalho da manhã, para a construção duma história fecunda com o compromisso de todos no futuro próximo. Quanto desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós (nº 5).

A Igreja vive a comunhão dos Santos. Na Eucaristia, esta comunhão, que é dom de Deus, realiza-se como união espiritual que nos une, a nós crentes, com os Santos e Beatos cujo número é incalculável (Ap 7, 4). A sua santidade vem em ajuda da nossa fragilidade, e assim a Mãe-Igreja, com a sua oração e a sua vida, é capaz de acudir à fraqueza de uns com a santidade de outros. Portanto viver a indulgência no Ano Santo significa aproximar-se da misericórdia do Pai, com a certeza de que o seu perdão cobre toda a vida do crente. A indulgência é experimentar a santidade da Igreja que participa em todos os benefícios da redenção de Cristo, para que o perdão se estenda até às últimas consequências aonde chega o amor de Deus. Vivamos intensamente o Jubileu, pedindo ao Pai o perdão dos pecados e a indulgência misericordiosa em toda a sua extensão. (nº 22)

Não podemos esquecer o grande ensinamento que ofereceu São João Paulo II com a sua segunda encíclica, a *Dives in misericordia*, que então surgiu inesperada suscitando a surpresa de muitos pelo tema que era abordado. Desejo recordar especialmente dois trechos. No primeiro deles, o Santo Papa assinalava o esquecimento em que caíra o tema da misericórdia na cultura dos nossos dias: «A mentalidade contemporânea, talvez mais que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou (cf. Gn 1, 28). Um tal domínio sobre a terra, entendido por vezes unilateral e superficialmente, parece não deixar espaço para a misericórdia. (...) Por esse motivo, na hodierna situação da Igreja e do mundo, muitos homens e muitos ambientes guiados por um vivo

sentido de fé, voltam-se quase espontaneamente, por assim dizer, para a misericórdia de Deus». [9] (RM,11)

Além disso, São João Paulo II motivava assim a urgência de anunciar e testemunhar a misericórdia no mundo contemporâneo: «Ela é ditada pelo amor para com o homem, para com tudo o que é humano e que, segundo a intuição de grande parte dos contemporâneos, está ameaçado por um perigo imenso. O próprio mistério de Cristo (...) obriga-me igualmente a proclamar a misericórdia como amor misericordioso de Deus, revelada também no mistério de Cristo. Ele me impele ainda a apelar para esta misericórdia e a implorá-la nesta fase difícil e crítica da história da Igreja e do mundo». [10] Tal ensinamento é hoje mais actual do que nunca e merece ser retomado neste Ano Santo. Acolhamos novamente as suas palavras: «A Igreja vive uma vida autêntica quando professa e proclama a misericórdia, o mais admirável atributo do Criador e do Redentor, e quando aproxima os homens das fontes da misericórdia do Salvador, das quais ela é depositária e dispensadora». [11] (RM,11)

Do compêndio do Catecismo da Igreja Católica

As indulgências são a remissão diante de Deus da pena temporal devida aos pecados, já perdoados quanto à culpa, que, em determinadas condições, o fiel adquire para si ou para os defuntos mediante o ministério da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui o tesouro dos méritos de Cristo e dos Santos. (nº 312).

AGIR

- Como estou a viver, a nível individual, o Ano Jubilar da Misericórdia?
- Qual vai ser o plano da nossa equipa nesta celebração Jubilar:

- apenas a de participar nas acções que a paróquia realizar?
 - ou, além de participar nas que a paróquia realizar, deve promover algumas próprias:
 - preparação e peregrinação da equipa a um local jubilar?
 - contactar as pessoas que o Papa Francisco considera das «periferias» (cf. A Alegria do Evangelho, nº 46) e com elas preparar uma celebração jubilar?
-
- No mês de Maio deste Ano Jubilar da Misericórdia não será importante olhar e reflectir sobre Nossa Senhora, Mãe de Misericórdia, tendo presente, sobretudo as mães carregadas e esmagadas pela dor de problemas familiares?
 - O «Dia da Mãe» do Ano do Jubileu da Misericórdia não poderá ser uma boa oportunidade para concretizar uma das interpelações que poderão surgir no reflectir da alínea c)?

Tema 4 «PRATICAR» A Misericórdia

...Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. ³⁵Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, ³⁶estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo. (Mt 25, 34-35)

VER

- Ainda nos recordamos das Obras de Misericórdia (7 corporais e 7 espirituais) que aprendemos na catequese?
- Na nossa paróquia há quem, em nome da comunidade cristã, tenha a seu cargo o serviço da caridade isto é: que assegura a prática das obras de misericórdia?
- Nas corporais quais são aquelas que, nos nossos dias, mais se estão a impor?
- E nas espirituais quais serão as prioritárias?
- Quais são as dificuldades que eu tenho no realizar obras de misericórdia?

JULGAR

Da Bula do Papa Francisco O Rosto da Misericórdia

Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo actual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da

indiferença dos povos ricos. Neste Jubileu, a Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo. (nº 15)

É meu vivo desejo que o povo cristão reflita, durante o Jubileu, sobre as obras de misericórdia corporal e espiritual. Será uma maneira de acordar a nossa consciência, muitas vezes adormecida perante o drama da pobreza, e de entrar cada vez mais no coração do Evangelho, onde os pobres são os privilegiados da misericórdia divina. A pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos. Redescubramos as obras de misericórdia corporal: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E não esqueçamos as obras de misericórdia espiritual: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos. (nº 15)

Não podemos escapar às palavras do Senhor, com base nas quais seremos julgados: se demos de comer a quem tem fome e de beber a

quem tem sede; se acolhemos o estrangeiro e vestimos quem está nu; se reservamos tempo para visitar quem está doente e preso (cf. Mt 25, 31-45). De igual modo ser-nos-á perguntado se ajudamos a tirar da dúvida, que faz cair no medo e muitas vezes é fonte de solidão; se fomos capazes de vencer a ignorância em que vivem milhões de pessoas, sobretudo as crianças desprovidas da ajuda necessária para se resgatarem da pobreza; se nos detivemos junto de quem está sozinho e aflito; se perdoamos a quem nos ofende e rejeitamos todas as formas de ressentimento e ódio que levam à violência; se tivemos paciência, a exemplo de Deus que é tão paciente connosco; enfim se, na oração, confiamos ao Senhor os nossos irmãos e irmãs. Em cada um destes «mais pequeninos», está presente o próprio Cristo. A sua carne torna-se de novo visível como corpo martirizado, chagado, flagelado, desnutrido, em fuga... a fim de ser reconhecido, tocado e assistido cuidadosamente por nós. Não esqueçamos as palavras de São João da Cruz: «Ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor». [12] (nº 15)

Da Carta de São Tiago

Fé com obras

De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: «Ide em paz, tratai de vos aquecer e de matar a fome», mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta. Mais ainda: poderá alguém alegar sensatamente: «Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me então a tua fé sem obras, que eu, pelas minhas obras, te mostrarei a minha fé. Tu crês que há um só Deus? Fazes bem. Também o crêem os demónios, mas enchem-se de terror.» Queres tu saber, ó homem insensato, como é que a fé sem obras é estéril? Não

foi porventura pelas obras que Abraão, nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaac? Repara que a fé cooperava com as suas obras e que, pelas obras, a sua fé se tornou perfeita. E assim se cumpriu a Escritura que diz: Abraão acreditou em Deus e isso foi-lhe contado como justiça, e foi chamado amigo de Deus. Vedes, pois, como o homem fica justificado pelas obras e não somente pela fé. Do mesmo modo, a prostituta Raab não foi ela também justificada pelas suas obras, ao receber os mensageiros e ao fazê-los sair por outro caminho? Assim como o corpo sem alma está morto, assim também a fé sem obras está morta. (Tg 2,14-26)

Do Evangelho

O mandamento do amor

Constando-lhes que Jesus reduzira os saduceus ao silêncio, os fariseus reuniram-se em grupo. E um deles, que era legista, perguntou-lhe para o embarçar: «Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?» Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (Mt 22, 34-39)

AGIR

- Da reflexão deste julgar que interpelações senti e quero assumir como compromisso na minha família, vizinhos, colegas de trabalho, etc?
- Se na paróquia já funciona o serviço da caridade, qual deverá ser a nossa especial colaboração, sobretudo neste Ano Jubilar da Misericórdia?
- Se não há esse serviço da caridade, na nossa paróquia, qual deverá ser a acção da nossa equipa para fazer surgir, por exemplo, um grupo Cáritas ou Conferência de S. Vicente de Paulo?
- Neste Ano Jubilar da Misericórdia haverá algo que a nossa equipa possa e deva fazer junto e com as pessoas que, muitas delas mais parecem estar «depositadas» nos nossos lares?

A Família

Em sintonia com a realização da Assembleia Sinodal sobre a Família propõe-se a ACR acompanhar este momento especial da vida da Igreja procurando fazer um caminho de revisão de vida que leve à conversão pessoal e de grupo e assim promover a transformação dos meios em que estamos inseridos.

A ACR da Diocese do Funchal preparou um conjunto de temas para ajudar neste caminho: Os primeiros procuram enquadrar a Família enquanto espaço/meio da realização da vocação humana em Jesus; os últimos apontam-nos para os desafios pastorais da família em contexto da evangelização.

O “Julgar” de quase todos os esquemas de reuniões foi baseado em artigos da Revista “Bíblica” de Março/Abril e de Setembro/Outubro de 2014, sobre o “Instrumentum Laboris”.

1º Subtema – A Família, a Sociedade e a Igreja

VER



- Qual é a nova visão da sociedade sobre o amor e o casamento?
- Em que é que a Família está mais a falhar? Na estabilidade conjugal? Na educação dos Filhos?
- Que aconteceu à taxa de natalidade? Em que consiste a paternidade responsável?
- Na nossa paróquia o que é que se verifica mais? Casamentos religiosos? Casamentos civis? Uniões de facto?
- Há muitos divórcios? Porquê? Quais as consequências na vida dos filhos?
- Há muita violência doméstica?
- Porque é que mudou o modelo tradicional de família? Causas económicas? Crise de valores? Medo de fazer opções definitivas?

JULGAR

Para Bento XVI, a Família é “origem e património da humanidade”.
É também:

- Riqueza para os esposos

- Bem insubstituível para os filhos
- Fundamento indispensável da Sociedade
- Comunidade vital para o caminho da Igreja

O Papa Francisco tem dito muitas vezes que estamos a viver uma cultura do descartável e provisório. Também já disse que o casamento não deve ser construído “sobre a areia dos sentimentos e da estética, mas sobre a rocha do verdadeiro amor” que, para ser autêntico, deve ser fiel, perseverante e fecundo.

A Família é ainda definida, segundo o Sínodo, como:

- Escola de amor
- Escola de comunhão
- Ginásio de relações

Escola da humanidade



AGIR

Para que estes desejos da Igreja sejam cumpridos, há um movimento eclesial que prepara para o matrimónio, os CPM. Realizam-se regularmente na vossa paróquia? Que pode fazer a ACR neste sentido? E para os casais novos? Que é possível organizar?

2º Subtema – A Família à luz dos dados bíblicos



VER

- Os casais têm a consciência de que são tornados colaboradores de Deus, na transmissão da vida? Que cooperam, de modo único, na obra do Criador? Quando contemplam o seu filho recém-nascido e quando acompanham o seu crescimento, vem-lhes à mente esta consciência?

JULGAR

Durante muitos anos a Igreja não incentivou a leitura da Bíblia pelos leigos, mas, com o Concílio Vaticano II, insiste-se sobre a formação bíblica não só do clero mas também dos leigos. Houve uma redescoberta da Palavra de Deus na vida da Igreja. A retoma da Sagrada Escritura marcou, de maneira diferente, a vida das dioceses e das paróquias. Hoje, conhecemos melhor a Bíblia, sobretudo os Evangelhos e as cartas de S. Paulo.

A Carta aos Efésios indicou, no amor nupcial entre homem e mulher, o grande mistério que torna presente, no mundo, o amor entre Cristo e a Igreja (cf. Ef. 5).

Na Carta aos Coríntios, Paulo diz que os esposos possuem o carisma de edificar a Igreja, com o seu amor esponsal, com a tarefa da geração e educação dos filhos. Ligados por um vínculo sacramental indissolúvel, os esposos vivem a beleza do amor, da fraternidade da maternidade, e na dignidade de participar na obra criadora de Deus.

AGIR

Como sabemos, o Concílio Vaticano II realizou-se há cinquenta anos. Ele insistiu na formação bíblica dos leigos. Que se tem feito, na vossa paróquia, desde há meio século? Há grupos bíblicos? Que pode fazer a ACR neste sentido?

3º Subtema – O que se aprende na família

VER

- Qual será o principal desafio que invade a Sociedade actual e as famílias cristãs? Será a crise de fé? Será possível tornar essa crise numa oportunidade de renovação dos laços familiares, em ambiente de fé cristã? Será que falta o diálogo?

JULGAR

O Papa Francisco diz-nos que é no seio da Família que se aprende a comunicar, com três tipos linguagem:

- A linguagem da **mente**, que nos dá sabedoria para melhor decidir;
- A linguagem do **coração**, que carrega de actos de amor a decisão tomada com sabedoria;
- A linguagem das **mãos**, que nos ajuda a colaborar em prática a decisão tomada com sabedoria e carregada de actos de amor.

O “Instrumentum Laboris” (Instrumento de trabalho) da primeira parte do Sínodo dos Bispos (Assembleia Extraordinária de 2014) define a Família como “espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros”. A Família é “fonte de virtudes essenciais para a vida comum”.

Na Família, aprende-se o que é o “bem comum”, porque nela se pode fazer a experiência da bondade de viver juntos. Sem família, o homem não pode sair do seu individualismo.

Na Família, aprende-se a força do amor para apoiar a vida, a alegria que a simples presença do outro pode gerar.

O “Instrumentum Laboris” fala da relação entre:

- A família e o mundo do trabalho
- A família e a educação
- A família e a saúde.



AGIR

Cada um destes três aspectos, com que a família está relacionada, dava um bom tema para uma palestra aos casais novos. Que outro modo haverá para fazer sentir às famílias a riqueza tão grande que o Sínodo dos Bispos nos comunica? Talvez uma maneira seja levar o maior número desses casais a responder a algumas perguntas, para a preparação da segunda parte do Sínodo, através do Boletim Paroquial ou enviando fotocópia pelos catequizandos.

4º Subtema – A capacidade de unir gerações

VER

- Na nossa paróquia, como se dá a união de gerações? Será que os pais já não falam de Deus em casa, e os avós ainda procuram transmitir a Boa Nova de Cristo, mas falta o exemplo dos pais que é muito importante?
- Os adolescentes e jovens pensam que a religião é só para os velhos?
- Os jovens e idosos estão integrados na Família? São esquecidos? Têm vida à parte?

JULGAR



Segundo o “Instrumentum Laboris”, um desafio para as famílias é a capacidade de unir entre si gerações, de modo que não se abandonem os jovens nem os idosos.

O Papa Francisco diz-nos que é necessário que, em família, “usemos sempre três palavras mágicas:

- O *pedir licença*, para não ser evasivo na vida do outro cônjuge e dos filhos, bem como os filhos na vida do casal e de cada um dos seus irmãos;

- O *obrigado* ou *obrigada*, em que agradecemos o que o outro fez por mim, agradeço o dom de me ter dado a vida, valorizando-a e valorizando-me a mim, como filho muito amado por Deus;
- E o *desculpa*, ou seja, o pedir perdão, o marido à mulher e vice-versa, os filhos aos pais e os pais aos filhos, pois todos nós erramos e, como bem sabem, não existem famílias perfeitas.

Como disse a Doutora Paula Margarida, na Escola de S. Francisco de Sales, em Gaula, por ocasião dos 90 anos da chegada à Madeira das Irmãs da Apresentação de Maria, “aqueles que estão constantemente ligados aos “iPads” e “iPhones”, têm dificuldade em comunicar com os mais velhos, com os idosos, porque estes não lhes trazem a última novidade dos jogos de “PlayStation”, nem os informam do que os e as amigas andaram a colocar no “Instagram” ou no “Facebook”. Os mais novos não chegam a aprender o quão belo é ouvir as histórias extraordinárias dos mais velhos, autênticas lições de vida e de fé... Quantas crianças e jovens nós temos assim? Quantas famílias?”.

AGIR

O Sínodo faz um apelo a uma Família ideal.

Umás famílias das nossas paróquias estão mais próximas deste ideal, outras mais afastadas. Temos de pensar principalmente nestas últimas. Que fazer para mostrar-lhes a beleza duma Família unida? A catequese pode ajudar? De que modo?

5º Subtema – Papel dos pais, primeiros educadores na Fé, na Oração e na Sagrada Escritura

VER

- Na nossa paróquia, os pais são de facto os primeiros educadores da fé e da oração? É natural que haja alguns, mas serão a maioria? Há os que participam na missa dominical e há os que não participam. Conhecemos estes últimos? Preocupamo-nos com eles?
- Será que os casais têm a consciência de que têm papéis distintos de pai e mãe, na educação dos filhos?
- Será que Cristo está sempre no centro da vida do casal, na relação entre si e com os filhos?
- Ou será que temos, na nossa paróquia, muitos cristãos, baptizados, sem Cristo? Mas, então, de onde vem o nome de cristãos?



JULGAR

No “Instrumentum Laboris” é evidenciada a importância que a fé seja compartilhada e tornada explícita por parte dos pais, através da partilha do seu conhecimento e consciência de Cristo que deve estar no centro da família.

É também realçada a importância da oração em família, a fim de alimentar uma verdadeira “cultura familiar de oração”.

O conhecimento autêntico de Jesus Cristo é promovido pela oração pessoal e familiar. São uma forma eficaz para transmitir a fé às crianças.

É muito importante também a leitura comum da Escritura, a oração às refeições e a recitação do terço, a participação familiar na Eucaristia dominical e nos outros sacramentos de iniciação cristã.

Em várias respostas, é sublinhada a importância de viver o sacramento da reconciliação e a devoção mariana.

O Papa Francisco diz-nos que é “com grande simplicidade de coração que cada um de nós terá de reconhecer que somos fracos, que todos precisam de Deus. E esta simplicidade aprende-se na escola da oração. Como é importante a oração! Rezar em família, juntos, um ‘Pai Nosso’... como é belo, e a oração fortalece a família que tem no centro uma Pessoa, Jesus Cristo, alicerce da nossa casa familiar”.

AGIR

Como dar uma formação contínua aos casais novos, para enraizar o amor do casal em Deus?

Deus está presente no amor, mas o casal só chegará à consciência dessa presença por meio da oração.

Como levar as crianças a pedirem aos pais que rezem com elas? Através da Catequese?

6º Subtema – Desenvolvimento integral na família

VER



- Onde se pode dar o desenvolvimento integral da pessoa? Será que a escola consegue? A Catequese? A Família? Ou as três instituições juntas?
- Temos uma geração sem desenvolvimento integral?
- Os processos cognitivos, isto é, do conhecimento, vamos pensar que a escola está a dar...
- E os processos afectivos? Quem os desenvolve? O amor aos familiares, a Deus e ao próximo?
- Como construir todos os dias a família?
- Além do amor que outras virtudes cultivar?
- A compreensão? A paciência?
- Será que está a faltar uma educação humana?
- Como será as relações sociais? Que cultura é que se destaca no nosso meio rural? A cultura do álcool? Que efeitos da crise económica nas crises familiares?



JULGAR

No “Instrumentum Laboris”, é realçada a importância da Família para um desenvolvimento integral: o amadurecimento dos afectos e conhecimentos decisivos para a estruturação das pessoas.

A Família é fonte para adquirir a consciência de ser filhos de Deus, chamados por vocação ao amor.

Os fundamentos humanos adquiridos em família permitem aceder a níveis de socialização e estruturação.

A Família deve ser “construída” todos os dias, com paciência, compreensão e amor.

AGIR

A AC sempre teve como meta a formação integral das pessoas. Daí preocupar-se não só com o contexto religioso, mas também com os contextos social, cultural e económico.

Talvez seja este o seu carisma que é o que distingue os movimentos uns dos outros.

Como ajudar as famílias a “construírem-se” todos os dias, na paciência, compreensão e amor?

Como levar os casais novos a compreenderem a importância dos pais no desenvolvimento integral dos filhos, não bastando aquilo que a Escola e a Catequese ensinam?

7º Subtema – Colaboração entre as famílias e a paróquia

VER

- Será que cada família se preocupa com as famílias vizinhas? Há actividades de solidariedade entre as famílias, na paróquia?
- Que movimentos há, na nossa paróquia, relacionados com a Família?
- O maior número de famílias está a colaborar com a paróquia? Ou são sempre os mesmos, nas leituras da liturgia dominical, na acção caritativa e em todos os outros serviços? E na missão de evangelizar?



JULGAR

O “Instrumentum Laboris”, realça a importância de uma estreita colaboração entre as famílias e a paróquia, na missão de evangelizar, assim como é necessário o envolvimento activo das famílias na vida paroquial, através da solidariedade a favor de outras famílias.

Também a pertença a movimentos e associações pode ser significativa, do ponto de vista do apoio.

É necessária uma formação mais constante e minuciosa: bíblica, espiritual e humana.

Que a Catequese assuma uma dimensão intergeracional que envolva, activamente, os pais, no percurso de iniciação cristã dos próprios filhos.

AGIR

Como ocupar o maior número de famílias na missão de evangelizar?
Como dar-lhes mais formação para essa tarefa apostólica?

Será muito difícil organizar um Curso Bíblico, a nível paroquial, para abranger o maior número de casais jovens que, depois, seriam apóstolos, em relação aos outros casais também jovens? As Irmãs Paulinas já realizaram algum Curso Bíblico na vossa paróquia?

8º Subtema – Festas litúrgicas

VER



- Como decorrem as festas litúrgicas na nossa paróquia? São só as senhoras de cabelo pintado ou branco a participar nas festas, no interior da igreja (templo)?
- Qual o papel dos homens nessas festas?
- Preocupam-se apenas com as ornamentações e as luzes no adro e arredores, os foguetes, a banda filarmónica, isto é, apenas com o exterior? Participam apenas nas missas do parto, e os irmãos da Confraria, na festa do S. S. Sacramento ou na de Nossa Senhora?
- Que importância se tem dado à Festa da Sagrada Família (no domingo a seguir ao Natal)?

JULGAR

Nalgumas respostas ao “Instrumentum Laboris”, é indicada uma particular atenção às festas litúrgicas, como o tempo do Natal e, sobretudo, à Festa da Sagrada Família, como momentos preciosos

para mostrar a importância da família e apreender o contexto humano no qual Jesus nasceu, aprendeu a falar, amar, rezar e trabalhar.

Recomenda-se a necessidade de salvaguardar o domingo, também sob o ponto de vista civil, onde for possível, como Dia do senhor, no qual favorecer o encontro na família e com as outras famílias.

AGIR

No corrente ano, será possível darmos mais atenção à Festa da sagrada Família, como momento preciosos para mostrar a importância da família?

Parece que, ao domingo, a ida à igreja com os filhos está a ser substituída pela ida aos centros comerciais. Como inverter esta situação? Através do pedido das próprias crianças?

9º Subtema – Situações de irregularidade canónica (divorciados recasados)

VER

- Na nossa paróquia, há famílias em situação de irregularidade canónica? Qual a nossa atitude em relação a essas situações, para não em relação a essas pessoas? Também as apontamos com o nosso dedo indicador? Atrevemo-nos a julga-las?
- O melhor é julga-las, tendo em vista o “Instrumentum Laboris”?

JULGAR

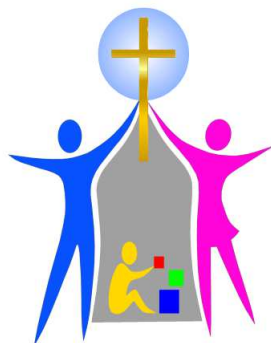
O “Instrumentum Laboris” chama a atenção para a necessidade de dar uma respostas fundamentada no amor evangélico, a fim do casal poder participar na vida eclesial, pois alguns cristãos sentem-se marginalizados e “castigados” pela Igreja.

Pede-se, pois, uma resposta mais de acordo com o espírito evangélico e menos jurídica, por parte da Igreja.

A Igreja não pode confundir situações irregulares com pessoas “irregulares”, o que poderá dar-se, no caso de se insistir demasiado nessas situações, com gestos e atitudes de exclusão.

A Igreja deve estar ao lado da misericórdia e compreensão dos problemas familiares de toda a ordem, quando as famílias vêm pedir-lhe os sacramentos e outros bens espirituais. Daí que seja de esperar,

do Sínodo dos Bispos (Assembleia Ordinária de 2015), e do documento papal que lhe sucederá, orientações claras a respeito dos já referidos problemas.



AGIR

Como nos preparamos, nós militantes, para aceitar, com entusiasmo, essas orientações claras do Sínodo dos Bispos e do documento papal?

Como levar as outras pessoas com quem convivemos a dar sempre uma resposta fundamentada no amor evangélico?

10º Subtema – A família de Nazaré

VER

- O facto de Jesus ter nascido numa Família dá-nos a consciência de que a Família é um lugar privilegiado para a revelação de Deus ao ser Humano?
- Na família de Nazaré houve alegria, esperança, mas também sofrimento. Será isto a realidade concreta de qualquer família?
- Onde é feita a primeira experiência de amor e de relação? Na Escola? Na Catequese? Na Família? Porque?
- Que condições devem ter as crianças, para que cresçam em estatura, em sabedoria e em graça, como cresceu Jesus? Protecção? Paz?
- As crianças, adolescentes e jovens cada vez estão mais sós, ou porque os pais estão ausentes fisicamente? Ou porque, estando presentes, é como se estivessem ausentes? As diferenças culturais entre gerações contribuem para esta ausência?

JULGAR

O n° 159, conclusão do “Instrumentum Laboris”, diz que o amor de Deus resplandece de maneira peculiar, na família de Nazaré, ponto de referência seguro e de conforto a cada família. Nela refulge o amor verdadeiro, para o qual todas as famílias devem olhar, para receber luz, força e consolação.

À Sagrada Família de Nazaré foi confiada a Assembleia extraordinária do Sínodo dos Bispos, com a oração do Papa Francisco:



Oração à Sagrada Família

*Jesus, Maria e José,
em vós nós contemplamos
o esplendor do amor verdadeiro,
e dirigimo-nos a vós com confiança.
Sagrada Família de Nazaré,
faz também das nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,
autênticas escolas do Evangelho
e pequenas igrejas domésticas.
Sagrada Família de Nazaré,
nunca mais nas famílias se viva a experiência
de violência, fechamento e divisão:*

*quem quer que tenha sido ferido ou escandalizado
conheça depressa a consolação e a cura.
Sagrada Família de Nazaré,
o próximo Sínodo dos Bispos
possa despertar de novo em todos a consciência
da índole sagrada e inviolável da família, a sua beleza no
desígnio de Deus.
Jesus, Maria e José,
ouvi e atendei a nossa súplica.
Amém.*

AGIR

Como difundir esta linda oração? No Boletim Paroquial? Em Fotocópias? Que ela chegue a todos os lares, com a recomendação que seja rezada em família.

Será talvez a melhor forma das famílias se prepararem, espiritualmente, para o Advento e Natal.

Oração do Jubileu da Misericórdia

Senhor Jesus Cristo,

Vós que nos ensinastes a ser misericordiosos como o Pai celeste,
e nos dissestes que quem Vos vê, vê a Ele.

Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos.

O Vosso olhar amoroso libertou Zaqueu e Mateus da escravidão do dinheiro;

a adúltera e Madalena de colocar a felicidade apenas numa criatura;

fez Pedro chorar depois da traição,

e assegurou o Paraíso ao ladrão arrependido.

Fazei que cada um de nós considere como dirigida a si mesmo as palavras que dissestes à mulher samaritana:

Se tu conhecesses o dom de Deus!

Vós sois o rosto visível do Pai invisível,

do Deus que manifesta sua onipotência sobretudo com o perdão e a misericórdia:

fazei que a Igreja seja no mundo o rosto visível de Vós, seu Senhor, ressuscitado e na glória.

Vós quisestes que os Vossos ministros fossem também eles revestidos de fraqueza

para sentirem justa compaixão por aqueles que estão na ignorância e no erro:

fazei que todos os que se aproximarem de cada um deles se sintam esperados, amados e perdoados por Deus.

Enviai o Vosso Espírito e consagrai-nos a todos com a sua unção

para que o Jubileu da Misericórdia seja um ano de graça do Senhor

e a Vossa Igreja possa, com renovado entusiasmo, levar aos pobres a alegre mensagem

proclamar aos cativos e oprimidos a libertação

e aos cegos restaurar a vista.

Nós Vo-lo pedimos por intercessão de Maria, Mãe de Misericórdia,

a Vós que viveis e reinais com o Pai e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. *Ámen*